

Literatura camponesa: uma ferramenta de luta para o fortalecimento da jovem e do jovem na permanência no campo

Camponese literature: a fighting tool for the strengthening of young and young people in stay in the field

Paula Daniela de Souza^{1*}, Ricardo Santos de Almeida²

RESUMO

A juventude camponesa enfrenta frequentes processos de migração oriundos de diversas problemáticas presente no campo brasileiro. No entanto, essa mesma juventude que se vê muitas vezes obrigada a abandonar sua comunidade, vem construindo alternativas para permanecer no campo, uma delas parte da literatura, assim, essa pesquisa objetiva compreender como a literatura camponesa contribui no processo de construção e fortalecimento da identidade da juventude do campo, enquanto juventude camponesa e, como isso impacta na permanência nas suas comunidades. Tendo em vista que a literatura é um dos instrumentos de fortalecimento que está sendo utilizado por essas juventudes, essa pesquisa realiza uma análise do poema “A cerca” escrito pela jovem camponesa Hérica Janaína, militante da Pastoral da Juventude Rural de Pernambuco partindo da categoria de análise poesia-resistência trabalhada por Bosi em seu texto poesia resistência.

Palavras-chave: Juventude camponesa; Permanecer no campo; Literatura camponesa

ABSTRACT

Peasant youth faces frequent migration processes from various problems present in the Brazilian countryside. However, this same youth that is often forced to leave their community, has been constructing alternatives to remain in the field, one of them part of the literature, so this research aims to understand how peasant literature contributes to the process of building and strengthening identity of rural youth, as peasant youth and, as this impacts on the permanence in their communities. Considering that literature is one of the strengthening tools being used by these youths, this research analyzes the poem "A cerca" written by young peasant Hica Janaína, a member of the Pastoral da Juventude Rural de Pernambuco starting from the category of poetry-resistance analysis worked out by Bosi in his poetry resistance text.

Keywords: Peasant youth; stay in the field; Peasant literature

¹ Universidade Federal de Alagoas

*E-mail: ricardosantos@gmail.com

² Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Estadual de Alagoas

INTRODUÇÃO

As juventudes do campo enfrentam diariamente problemáticas, tais como a influência midiática que os impõe mudanças no modo de pensar o mundo e seu estilo de vida e a busca por oportunidades distintas a sua realidade, que implicam diretamente na permanência da jovem e do jovem em sua comunidade camponesa. Diante do grande número de jovens que estão abandonando o campo é preciso pensar nos motivos que levam a essa saída. Faz-se necessário também pensarmos em quais as ferramentas que estarão sendo utilizadas para fortalecermos o processo de resistência por aqueles que permanecem em seu chão.

As problemáticas vivenciada pelas juventudes do campo estão ligadas a falta de condições em adquirir renda através da agricultura, as poucas ofertas de trabalho no campo, os ganhos insuficientes para atendimento de suas necessidades e maiores chances de qualificação fora do campo sendo esses alguns dos motivos apresentados por Castro (2013) em sua pesquisa sobre as razões que levam as Juventudes a saírem o campo. Vale ressaltar que há outras problemáticas que estão relacionadas ao acesso à educação pública contextualizada no campo e ao descaso por parte do estado por não construir políticas públicas que atendam a heterogeneidade do campo brasileiro.

O debate da permanência no campo permeia toda discussão referente a juventude do campo, portanto essa pesquisa tem como objetivo central entender como a literatura camponesa pode contribuir na permanência do jovem no campo, e conseqüentemente, compreender a importância da literatura camponesa, no fortalecimento da identidade e permanência no campo pelas juventudes camponesas.

Por vezes a literatura é vista a partir da materialidade das produções fictícias que estão somente no imaginário, porém é preciso destacar que a literatura está além do mundo imaginário, mas que através dele é possível transformar a realidade das pessoas. Portanto, essa pesquisa é de fundamental importância por entender a literatura como uma ferramenta de transformação da sociedade e que desenvolve papel significativo na formação identitária da juventude.

A poesia está presente no campo e simultaneamente na vida da juventude camponesa, trazendo consigo leveza e também força para os processos de luta, assim,

esse trabalho realiza a análise do poema “Cercas” escrito pela jovem camponesa Hérica³ Janaina, militante da Pastoral da Juventude Rural de Pernambuco partindo da Categoria Poesia resistência, categoria trabalhada por Bosi (2003) em seu texto Poesia resistência enfatizando que essas poesias precisam trazer “uma forma de resistência simbólica aos discursos dominante” (BOSI, 2003, p. 143). De forma geral, essa poesia mostra em suas entrelinhas os limites colocados para a permanência da jovem e do jovem no campo e a necessidade de romper as cercas que cercam o direito de viver com dignidade no campo.

JUVENTUDE CAMPONESA

Para discutirmos a juventude camponesa, se faz necessário desde o início estabelecermos o entendimento sobre a concepção de juventude aqui defendida, uma vez que esse termo possibilita distintas compreensões sobre o que é juventude e conseqüentemente o que vem a ser juventude camponesa.

Existem diferentes perspectivas que nos ajudam na definição do conceito de juventude, podendo partir de aspectos culturais, econômicos, políticos e de características sociais que foram construídas historicamente acerca desse termo. O Estatuto da Juventude – Lei n. 12.852/13 segue unicamente o viés etário, considerando jovem a partir dos 15 anos indo até os 29 anos de idade. Contrapondo a definição de Juventude pelo estatuto da juventude Weisheimer (2007) diz que:

A juventude tem sido objeto recorrente das Ciências Sociais, que a percebe como uma construção social, cultural e histórica dinâmica sobre a qual se impõem diferentes mecanismos de integração social, superando as abordagens pautadas por uma natureza biológica. Ou seja, o significado da juventude e do que é ser jovem é relacional a outras categorias e não se restringe a um estágio do ciclo vital ou faixa etária. O fundamental, para sua construção como categoria sociológica, é ter presente que se trata de uma representação social que não se reduz a princípios naturais. É antes de tudo um signo da relação que a sociedade estabelece, simultaneamente, com seu passado e seu futuro. Como expressão da vida social, a juventude não pode ser facilmente definida em função de um único aspecto ou característica, apresentando-se como um grande desafio teórico às Ciências Sociais. (WEISHEMER, 2007, p.238 *apud* COLOGNESE; KUMMER, 2013, p. 207).

³A autora assinou o termo de consentimento livre esclarecido, ficando ciente da finalidade de seu poema ser analisado como um dos artefatos que permeiam a conscientização dos povos do campo para se manterem no campo.

Partindo da concepção de juventude como construção social a partir de Weisheme (2007), é necessário reafirmarmos que a juventude deve ser compreendida para além de um único aspecto, mas que precisa ser vista como pluralidade, pois as juventudes possuem suas especificidades e também múltiplas identidades que são construídas a partir de vivências distintas, como por exemplo as vivências de um jovem do campo e um jovem urbano, a cultura a qual pertencem possibilitam momentos diferentes que vão implicar diretamente em sua formação. Nesse sentido, para Trancoso e Oliveira (2014) a pluralidade “refere-se à situação juvenil diretamente influenciada pelas distintas realidades históricas, sociais e culturais experimentadas pelas pessoas” e neste processo diferentes formas de resistência se fazem necessárias, e uma das estratégias pode vir a ser o uso e produção de diferentes gêneros textuais.

Tendo em vista que o lugar em que a juventude está inserida contribui para a construção de sua identidade, torna-se necessário discutirmos o campo a qual a juventude camponesa ocupa, uma vez que o campo brasileiro é heterogêneo, estando nele diferentes formas de produção, de cultura e de maneiras distintas de vivência. Portanto, o campo precisa ser analisado a partir do seu modo de produção por ser responsável não só por questões econômicas, mas alimentar, de gênero, de moradia, geracional e etc.

De um lado está o agronegócio, comandado pela burguesia e articulado ao capital financeiro internacional, que se consubstancia unicamente pela busca do lucro a partir da produção agrícola, não se importando com o resultante do uso indiscriminado das riquezas naturais ou e com as comunidades tradicionais que com ela dialoga diretamente. Já do outro lado está a agricultura camponesa, que se baseia nos princípios da agroecologia em que a produção é realizada em harmonia com a natureza, seguindo práticas tradicionais milenares utilizada pelos povos do campo, sendo esse o espaço que a juventude do campo está presente, que segundo Alves e Vinha (2015):

O território campestre, o qual estabelece encontros com o agronegócio, território pautado pelas relações sociais capitalistas. Se por um lado temos a luta de camponeses pelo acesso a terra, à condições dignas no campo e a construção de um desenvolvimento territorial baseado na relação justa homem natureza, por outro lado, há também a existência de grupos transnacionais e multinacionais que se apropriam dos espaços, construindo territórios que se reafirmam e reproduzem diante de um discurso ideológico assentado no “desenvolvimento econômico”, sendo o Estado o principal viabilizador desse processo, através da política neoliberal introduzida no Brasil na década de 1990 (ALVES; VINHA, 2015, p. 3).

Entendo o campo em que a juventude está presente, faz-se necessário refletir sobre a identidade da juventude camponesa.

A especificidade da juventude camponesa pode ser vista na forma em que as jovens e os jovens se relacionam com a mãe terra, com a maneira de produção agroecológica e com as vivências que o campo possibilita, assim cultivando uma identidade camponesa e carregando consigo a responsabilidade de dar continuidade aos processos existentes dos meios de produção e da vida no campo, mas também de ressignificá-los. Castro (2009) possibilita uma reflexão sobre a identidade da juventude camponesa e sobre a sua organização sócio territorial:

A juventude camponesa rurais é composta por sujeitos que se organizam e modificam o território, evidenciando o confronto e a disputa territorial, de natureza concreta e abstrata, material e imaterial, entre campesinato e agronegócio. Suas ações o legitimam como sujeito político na construção e defesa do território, se constituindo como grupo social que se afirma na luta, seja na participação em eventos, manifestações públicas e formas organizativas de determinados movimentos sociais, se fazendo visíveis, tanto para as organizações sociais quanto para a sociedade (CASTRO, *apud* ALVES; VINHA, 2015, p. 3).

No entanto, há grandes problemáticas relacionadas a realidade das jovens e dos jovens originários do campo, ocasionando a saída dos mesmos. Castro (2013) em seu trabalho “Juventude rural, agricultura familiar e políticas públicas de acesso à terra no Brasil”, realiza uma pesquisa sobre os motivos que levam as juventudes a saírem do campo, as razões para a saída dos jovens estão relacionadas a maior chances de qualificação fora do campo, a falta de condições em adquirir renda através da agricultura, as poucas ofertas de trabalho no campo e os ganhos insuficientes para atendimento de suas necessidades. Mesmo com esses fatores que implicam na saída da juventude do campo, segundo o levantamento feito pela pesquisa em cada 100 jovens rurais entrevistados, 84 querem permanecer no campo, sendo as razões para permanecer: possuir terra para continuar na agricultura; satisfação com o trabalho realizado; vontade de construir uma família e continuar morando no campo.

Outras problemáticas que contribuem para que as jovens e os jovens abandonem o campo está relacionado a educação pública, que por vezes não é pensada de forma contextualizada, e apenas reproduz o mesmo modelo aplicado nas escolas urbanas, desconsiderando totalmente a especificidade que o campo possui. Por outro lado, há um grande número de escolas que foram fechadas somente em 2014 que, segundo o

levantamento feito pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) chegam a ser superiores a 4 mil escolas, contribuindo de forma direta na expulsão de mulheres, homens, crianças e jovens do campo para a cidade, em busca de qualidade de vida.

É preciso destacar que a saída do jovem do campo também está relacionada ao descaso do estado pela falta de políticas públicas que atendam a heterogeneidade que o campo possui ou pelo não cumprimento das poucas que existem. Nesse sentido, Menezes e Stropasolas (2014) apontam que:

Os programas e as políticas destinadas aos(às) jovens rurais, no formato que ainda vigoram e são gestados, podem ser considerados insuficientes para a produção das mudanças significativas e necessários para a construção de condições de vida dignas e a transformação do meio rural em um espaço que possibilite aos(às) jovens a autonomia e a emancipação desejada para a construção de seus projetos de vida. Assim, os efeitos do atual arranjo político-institucional das políticas públicas para a juventude rural são reconhecidos como de alcance limitado e que não atingem o conjunto das famílias consideradas em condição de miséria, sem-terra ou com terra insuficiente.

De acordo com o levantamento feito em 2013 pela Secretária Nacional da Juventude (SNJ), há aproximadamente 7,8 milhões de jovens no campo, e dessa quantidade 3,53 (45,3%) vivem nos nove estados do nordeste, no entanto, a partir dos dados de 2016 é possível observar que se estima 206,6 milhões de brasileiras e brasileiros, e deste percentual cerca de 51,4 % estão entre 15 e 29 anos, sendo 7,6 milhões de jovens que estão no campo.

Relacionando os dados de 2013 aos dados de 2016 em relação ao percentual de jovens que estão presentes no campo brasileiro, podemos notar um decréscimo assustador na quantidade de jovens que estão presentes no campo, reafirmando o abandono do campo pela juventude camponesa devido à falta de condições para que se possa permanecer e ter uma vida digna em suas comunidades. Associado a este processo denuncia-se a reprodução na íntegra do currículo urbanocêntrico nos currículos em algumas escolas das áreas rurais que ignoram os saberes cotidianos dos povos do/no campo.

É necessário reafirmar que o campo precisa ser visto não somente como um lugar de plantio, e sim como um lugar de vida, precisa oferecer condições para que mulheres, homens, idosos, crianças e jovens possam permanecer.

CONCEPÇÃO DE LITERATURA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O FORTALECIMENTO DA JUVENTUDE CAMPONESA

Pensando a literatura a partir da compreensão do termo, Silva (2007) pontua que o lexema *literatura* deriva historicamente, do lexema latino *litteratura* que é derivado do radical *littera*-letra, e que significa o saber relativo de ler e escrever, gramática, instrução, erudição (SILVA, 2007). No entanto, o que hoje chamamos de literatura não está ligado somente a essa definição, mas resulta de modificações sofridas ao longo do tempo. Até a primeira metade do século XVIII a palavra *literatura* mantinha o sentido primitivo de sua origem latina, significando conhecimento relativo às técnicas de escrever e ler, cultura do homem letrado. Da segunda metade do século XVIII em diante o vocábulo passa a significar o que que ainda entendemos hoje, ou seja, produto da atividade do homem de letras, conjunto de obras escritas, e a partir disso estabelecendo a base para diversas acepções modernas.

Muitas vezes quando nos perguntam sobre literatura, nos vem a memória as obras clássicas que possuem grande reconhecimento, e dificilmente alguém irá falar sobre literatura a partir da literatura popular, do campo, juvenil, indígena ou de cordel, isso ocorre por não conhecermos ou não reconhecermos essas literaturas devido à pouca visibilidade que é dada a essas produções. Isso torna-se mais evidente quando buscamos uma definição sobre a literatura camponesa e não encontramos, será que é porque não existe ou é a questão da visibilidade que não é dada? É preciso afirmar que a literatura camponesa existe e resiste, por isso esse trabalho tem como objetivo não só pensar a literatura como ferramenta de fortalecimento na permanência das juventudes do/no campo, mas visibilizar essa categoria e suas respectivas produções.

Em suas primeiras produções Virgil (2003) escreveu o poema bucólico “Geórgicas” composto por quatro livros que retratam a história do trabalho no campo, cada livro aborda uma modalidade diferente do trabalho rural sendo respectivamente: a agricultura, a arboricultura, a criação de animais e a apicultura. Então essas obras seriam produções da literatura camponesa? Entendemos essa obra como uma produção que fala de fora sobre as vivências do campo. Tendo em vista que a modernidade deu voz a grupos minoritários ressignificando a literatura e possibilitando que a mulher, o homem, a jovem e o jovem falem sobre suas vivências.

A literatura camponesa precisa ser entendida como uma produção das pessoas de identidade camponesa, estando elas organizadas ou não aos movimentos sociais do campo, mas que precisam trazer “uma forma de resistência simbólica aos discursos dominante” Bosi (1936, p. 78).

A poesia resistência possibilita o cultivo da mística da vida no campo, fortalecendo os processos de luta pela terra e da permanência no campo, estando fortemente presente na vida da jovem camponesa e do jovem camponês como um instrumento que contribui na formação da identidade enquanto juventude camponesa.

RESISTÊNCIA PELA LITERATURA

A cerca - Hérica Janaína

A cerca, a cerca da liberdade
O direito de ir e vir
Separa o grande dos pequenos.
Cerca os sonhos
A cerca é o limite
Do sonho e da liberdade
Do conhecimento e da manipulação.
A cerca limita nossa visão
Sobre o belo e o feio,
O feio é a cerca da monocultura
O belo é a cerca da resistência
Da diversidade entre flores e espinhos
O belo é quebrar as cercas
Pela força da rebeldia
Da juventude camponesa.

A análise deste poema parte da perspectiva da poesia-resistência defendida por Bosi (1936), sendo entendida como uma forma de enfrentamento as injustiças impostas pelo capital. Podemos observar que a estrutura do poema é organizada em versos, trazendo poucas rimas e empregando vários sentidos a palavra – cerca - em diferentes contextos.

A princípio, é necessário entender “a cerca” como uma forma de limitar espaço, mas que pode limitar a vida em diferentes aspectos, a cerca colocada como a da liberdade, refere-se a liberdade do outro, assim limitando o espaço de cada indivíduo, no entanto a

mesma não faz somente uma divisão de ambiente, mas uma divisão de classes, sendo marcada pelo trecho: *separa o grande dos pequenos*.

Diante das crises durante os períodos de estiagem no Nordeste, surge o questionamento: o problema é a seca ou a cerca? E, entendendo que, o problema não está diretamente ligado a questão hídrica, mas à má distribuição dos recursos, onde aqueles que detém poder possuem total usufruto enquanto a maior parte sofre durante o tempo de estiagem. Esse fato mostra como as cercas que são impostas podem ser cruéis com o lado mais fraco sendo elas as: cercas do latifúndio ou do saber, pois como visto nos trechos: *A cerca é o limite; Do sonho e da liberdade; Do sonho e da manipulação*.

Esses limites que são criados determinam situações que implicam diretamente na permanência do jovem no campo, esses fatores podem ser percebidos pelas cercas do saber, pois quando não há acesso ao conhecimento as pessoas seguem manipuladas, e o ideal do cidade ser um lugar de prestígio e um campo o lugar atrasado está atravessado por grandes interesses do capital. No entanto, é preciso romper essas cercas que impedem a juventude a ter acesso à educação, de sonhar, de produzir e viver no campo, de ter acesso à terra e a água, e essa ideia está presente nos trechos finais do poema que fala sobre a concepção do *belo e o feio*. Assim, a juventude camponesa afirma que o belo é quebrar as cercas que aprisionam a juventude do campo.

AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL: OS SABERES EMERGENTES

A ecologia dos saberes consiste em legitimidade de todas as formas de conhecimentos que temos tanto na perspectiva formal, como informal da educação, pois assim como não existe apenas uma especificidade científica e, sim várias se constituem na construção do conhecimento, ou seja, existem várias epistemologias para a promoção do conhecimento e nesta totalidade, se deve incluir os saberes populares, daí a promoção da ecologia de saberes com é bem defendido por Santos (2017), pois para ele

É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento.

Assim sendo, podemos também comungar que a partir do interconhecimento se valida ainda mais o que Freire (1987) anunciou como “não existe saber mais ou saber

menos, existem saberes diferentes”, ou seja, a partir do diálogo que se estabelece entre os sujeitos se fomenta o interconhecimento por meio das especificidades que permeiam o horizonte epistemológico dos sujeitos de direitos e de diversos saberes do erudito ao popular, do popular ao erudito.

É pertinente mencionar que para se vivenciar a ecologia de saberes se faz necessário a co-presença, pois somente assim podemos e poderemos de fato reconstruir o interconhecimento que emerge da/na co-presença. Deste modo, defende Santos o sentido da co-presença, sendo esta como radical, neste sentido, compreende-se que “a co-presença radical significa que práticas e agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários. A co-presença radical implica conceber simultaneidade como contemporaneidade, o que só pode ser conseguido abandonando a concepção linear de tempo” (SANTOS, 2017).

Por conseguinte, neste projeto é isto que vem ocorrendo a vivencia da ecologia dos saberes por meio da co-presença radical, pois foram ultrapassados os muros da Universidade Federal Rural de Pernambuco e adentramos ao território dos outros sujeitos na Comunidade Quilombola Novo Mundo que também produzem conhecimentos e alternativas de sobrevivência mais legítima para permanecerem existindo em sua singularidade mais radical de vir a ser, extraíndo vida da mãe terra, para poder assim florescer o sonho por dias e condições melhores de um justo e digno viver, sabendo-se de si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou realizar uma reflexão sobre a juventude camponesa e diante das problemáticas enfrentadas pela mesma, faz-se necessário pensar em alternativas que contribuam para a permanência no campo e que fortaleçam a cultura camponesa dando visibilidade ao que o campo produz, como a literatura, a arte e as músicas.

Foram encontradas diversas dificuldades na realização dessa pesquisa por ser uma área ainda pouco explorada, no entanto essas dificuldades fomentam o desejo de avançar nesse trabalho para contribuir com os processos de luta presentes no campo brasileiro. Deste modo, esse trabalho não está pronto e acabado, é apenas o início de um projeto

acerca da contribuição da literatura nas vivências da juventude, mas tendo como objeto central de análise a literatura camponesa atrelada aos problemas existentes no campo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria de Fátima; VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. A juventude camponesa e a sua organização social e política: o território como categoria analítica. **Pastoral da Juventude Rural**. 2015. Disponível em: <<https://pjrbrasil.org/2015/12/20/a-juventude-camponesa-e-a-sua-organizacao-social-e-politica-o-territorio-como-categoria-analitica/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- BOSI, Alfredo. Os intelectuais, segundo Gramsci. In: **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2. ed São Paulo: Duas Cidades e 34, 2003. (Coleção Espírito Crítico) p. 409-422.
- BOSI, Alfredo. Gramsci na prática. In: **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2. ed São Paulo: Duas Cidades e 34, 2003. (Coleção Espírito Crítico) p. 423-428.
- BOSI, Alfredo. Cartas de Gramsci. In: **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2. ed São Paulo: Duas Cidades e 34, 2003. (Coleção Espírito Crítico) p. 429-446.
- CASTRO, Antônio Maria Gomes de; LIMA, Suzana Maria Valle; SARMENTO, Eduardo Paulo de Moraes; VIEIRA, Luis Fernando. **Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso à terra no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JANAINA, Herica. *Cercas*. In.: **Pastoral da Juventude Rural**. Disponível em: <<https://pjrbrasil.org/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- MENEZES, Marilda Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton. (orgs.). **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014. Disponível em: <http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0009/2708/Miolo_Juventude_rural_web.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2019.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TERRA. **Mais de 4 mil escolas do campo fecham suas portas em 2014**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/06/24/mais-de-4-mil-escolas-do-campo-fecham-suas-portas-em-2014.html>>. Acesso em: 22 set 2018.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Disponível em

<http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para_alem_do_pensamento_abissal_RCCS78.PDF>. Acesso 14 de fev. 2017.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 81 ed. Coimbra, Almedina, 2007.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 26, n.1, p. 137-147, 2014.

VIRGIL. **The Eclogues & Georgics**. Edited with introductions and notes by R. D. Williams. London: Bristol Classical Press, 1979.

VIRGIL. **Georgics**. Vol. II: books III-IV. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VIRGIL. **Georgics**. Edited with a commentary by R. A. B. Mynors. Oxford: Oxford University Press, 2003.

WEISHEIMER, Nilson. Socialização e projetos de jovens agricultores familiares. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Recebido em: 21/07/2022

Aprovado em: 01/09/2022

Publicado em: 05/09/2022